



Educando & educador: um espaço artesanal

15/06/2020 - Em [Artigos](#)

Blog da Reitoria nº 444, 15 de junho de 2020

Por Prof. Paulo Cardim

**“Ensinar exige rigorosidade metódica” (Paulo Freire)
“Avaliar também” (Paulo Cardim)**

A educação é meio pelo qual transformamos informação em conhecimento. Desde o bê-á-bá. É, por excelência, o caminho a ser trilhado pelo ser humano, desde os primeiros anos de vida. Os pais são os primeiros educadores, seres privilegiados, que recebem uma joia rara, em estado bruto, e vão burilando-a a cada dia. Como falar, andar, alimentar-se, vestir-se, relacionar-se com as pessoas. Uma educação individual, que obedece ao ritmo do educando, acompanhado de todos os cuidados que um ser merece nos seus primeiros passos na vida.

O tempo passa e, além da educação no lar, a criança entra na educação infantil, formal. Lá encontra novos educadores, os professores dos primeiros passos do ser na educação regular. Não são apenas professores. São muito mais. São educadores de um ser ainda em formação de sua personalidade, pronto para ser lapidado, despertado de seus poderes latentes, inatos, que necessitam de estímulo, amor para desabrocharem.

Aos poucos, o processo educacional torna-se mais complexo. Agora a criança já tem vários professores, educadores em seu idioma, na matemática e outras matérias. Inicia um longo processo de desenvolvimento de competências e habilidades para a vida prática, vivida no dia a dia. Estamos na educação fundamental. Um estágio no processo pedagógico dos mais importantes para o progresso em outros níveis educacionais, indispensáveis para a formação do cidadão ético, consciente de seu lugar na família e na sociedade.

Vencida mais uma etapa no processo educacional, o ser em criação já está no ensino médio. Ali ele vai aprofundar seus conhecimentos em conteúdos preparatórios para voos mais altos. Pode até aprender um ofício, uma profissão, ao lado dos conteúdos mais científicos que podem conduzi-lo à educação em nível superior. Os estudos são mais densos. Exigem dedicação integral, ao tempo em que

continuam a receber em seus lares a educação familiar. Esta é a fase das escolhas mais difíceis, em torno dos 17 anos. O educando já tem o seu caráter formado, mas ainda pode carregar dúvidas sobre o seu futuro na família, na sociedade, no mundo, enfim.

Concluído o ensino médio, o ser está ante vários dilemas. Essa fase requer cuidados especiais dos pais, da família. Mas não dispensa a participação dos educadores, os professores da fase final da educação básica. O desempenho e o comportamento dos professores influem o educando positiva ou negativamente. O educando está em uma encruzilhada – parar ou prosseguir seus estudos. Caso tenha cursado um curso técnico já pode ingressar no mercado de trabalho. Paralelamente pode continuar seus estudos. Há infindáveis opções de cursos de graduação noturnos, além dos diurnos, matutinos e em tempo integral.

Entre o ensino médio e o superior o educando, com raras exceções, ainda não tem a convicção da carreira a escolher. Pode fazer os testes que a psicologia é rica em alternativas, mas nem sempre é o suficiente para a escolha certa, adequada aos saberes acumulados e aos desejos ainda dúbios, às vezes vacilantes. Os pais podem ajudar, mas não conduzir esse processo, que é individual, único.

A educação superior surge como opção de uma formação mais ampla – a graduação. Aqui ainda há novas opções: bacharelado, licenciatura ou cursos superiores de tecnologia. Estes proporcionam uma duração menor, em média, dois anos. Todavia, não conduzem ao exercício de uma profissão regulamentada em nível superior. Tem suas limitações. E agora? Os “cursos imperiais”? Medicina, Direito, Engenharia? Ou uma gama variada de outros cursos de graduação de todas as áreas de conhecimento.

O processo seletivo pode ser o Enem – o Exame Nacional do Ensino Médio – ou o tradicional vestibular. Mais uma opção: ensino estatal ou da livre iniciativa? Aqui entram as condições econômico-financeiras do educando e da família, uma variante que nem sempre beneficia os menos afortunados na área das finanças. O ensino estatal, dito gratuito, mas financiado por todos os brasileiros, por meios dos tributos pagos, geralmente é a primeira opção das classes mais abastadas, ocupando vagas dos precisam da educação superior e não têm condições financeiras.

Feita escolha, o educando entra em um curso de graduação. Concluída essa fase ele já pode ingressar no mercado de trabalho, com a qualificação obtida. Mas os estudos não terminaram. Para ser um bom profissional há que continuar seus estudos, em nível de pós-graduação – especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado. Mas, em tempos de globalização, da indústria 4.0, das tecnologias digitais da informação e da comunicação, impregnadas em todas as áreas do conhecimento, em todas as profissões, empresas organizações, a aprendizagem é para toda a vida.

Nessa longa jornada do educando, além da família, o professor-educador exerce uma influência fundamental na formação do caráter e nas opções profissionais e de vida. Quem qualifica esse profissional, de modo inconfundível, é o filósofo e

educador Rubem Alves (1933-2014): “Eu diria que os educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma “estória” a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma “entidade” sui generis, portador de um nome, também de uma “estória”, sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer nesse espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal. (*Conversas com quem gosta de ensinar*, Papirus, 2000, p. 19).

“É mais fácil governar um povo culto, cioso de suas prerrogativas e direitos, que tem nítida a compreensão de seus deveres, que um povo ignaro, indócil, sem iniciativa e inimigo do progresso”.

“O papel da instrução é preparar e formar homens capazes e úteis à sociedade; o papel do governo é fornecer meios fáceis de se adquirir a instrução, disseminando escolas e patrocinando iniciativas boas confiadas à competência e ao amor de quem promove tão nobilitante tarefa”.

Prof. Carlos Alberto Gomes Cardim

Diretor da Escola Normal Caetano de Campos

Educador e Inspetor de Alunos, 1909

Irmão do fundador do

Centro Universitário Belas Artes de São Paulo

Pedro Augusto Gomes Cardim.